

# Casulo

Memórias de uma Vida

Cai Chongda



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2023

# Sumário

1.	<i>Casulo</i>	1
2.	<i>A Casa da Minha Mãe</i>	7
3.	<i>Fragilidade</i>	35
4.	<i>Natal na UTI</i>	67
5.	<i>Amigos Celestiais</i>	93
6.	<i>Bella Zhang</i>	125
7.	<i>Tiny e Tiny</i>	149
8.	<i>Wenzhan</i>	179
9.	<i>Hope</i>	219
10.	<i>Não É Possível Esconder o Oceano</i>	269
11.	<i>Mil Cidades Idênticas</i>	273
12.	<i>A Pergunta a que Todos um Dia Devemos Responder</i>	279
13.	<i>O Regresso</i>	285
14.	<i>Para Onde Vai Este Trem?</i>	299
	<i>Posfácio</i>	307

# Casulo

Nana, minha bisavó materna, viveu até os 99 anos. Era uma mulher forte. Sua filha, minha avó, faleceu aos cinquenta e poucos anos. Os pais jamais deveriam ter que enterrar os filhos, mas foi exatamente o que minha Nana teve que fazer. Nossos familiares se preocupavam em como ela reagiria e se revejavam para cuidar dela. Quando chegou o momento de se despedir da filha, Nana ficou furiosa. Por razões que nem ela sabia, perambulou pela casa, praguejando. Abriu a tampa do caixão para ver a filha, depois foi até a cozinha inspecionar as oferendas para o funeral. Quando retornou à sala principal, viu alguém tentando matar uma galinha. Cortaram o pescoço da ave, mas sem interromper totalmente o fluxo da artéria carótida. A galinha corria sem rumo, esguichando sangue para todo lado. Nana foi até lá, agarrou a ave e jogou-a furiosamente no chão.

Os pés da galinha se contorceram no ar e finalmente pararam de se mover. “Você tem que ir até o fim — não deixe que o corpo torture a alma.” Nana não era uma mulher estudada, mas tinha reputação de ser uma espécie de curandeira. De vez em quando, dizia algo que mais parecia saído de um daqueles grandes livros empoeirados.

Todos ficaram perplexos.

Nana não chorou no funeral. Mesmo quando o corpo de minha avó entrou no crematório, ela limitou-se a olhar de soslaio para a cena, como se seu silêncio desdenhasse daqueles que choravam e se lamentavam — ou talvez fosse apenas a letargia típica da idade.

Era o meu primeiro ano no ensino fundamental. Eu não entendia como ela podia ser tão fria. Durante o funeral, me aproximei dela algumas vezes para perguntar: “Nana, como é possível você não estar triste?” A expressão em seu rosto salpicado de manchas senis se tornou mais suave e serena. Esse era o sorriso de Nana.

“É porque não guardo rancor”, respondeu ela.

Ouvi-a dizer essas palavras muitas vezes mais em minha vida. Após a morte de minha avó, Nana costumava ficar em nossa casa. “Antes de morrer, sua avó me disse: Blackie não tem mais avós, e seus pais estão sempre ocupados. Quero que você cuide dele”, contou Nana.

Nana era uma mulher implacável. Dava para notar até na forma como picava os vegetais. Ela cortava os caules e as folhas com a mesma força que usava para desmembrar costeletas de porco. Certa vez, Nana estava trabalhando na cozinha e a ouvi dizer “*ai-ya*”, com toda a calma.

Gritei para ela: “O que aconteceu?”

“Estou bem”, informou. “Só cortei fora a ponta do meu dedo.” Todos na família se agitaram, mas ela permaneceu impassível.

Enquanto a ponta do dedo de Nana era reimplantada, minha mãe e eu nos sentamos em um banco no corredor do hospital e ela me contou uma história. Quando o filho de Nana — tio de Mamãe — era criança e ainda não sabia nadar, ela o jogou no mar. Essa foi a maneira que Nana encontrou para ensiná-lo. Ele quase se afogou, mas um vizinho nas proximidades pulou na água a tempo de salvá-lo. Alguns dias depois, o mesmo vizinho viu-a jogar novamente o filho no mar. Ao ouvir as pessoas a chamarem de insensível, ela respondeu com frieza: “Façam com que o corpo sirva a vocês, e não o contrário!”

Quando Nana saiu do hospital, perguntei se a história era verdadeira, pois não consegui me conter. “É verdade”, disse ela, sem rodeios. “Seu corpo é apenas um casulo. Se esperar que ele faça algo por você, estará perdido. Se puser seu corpo para trabalhar, poderá começar a viver.” Para ser honesto, na época, não entendi o que ela queria dizer.

Sempre imaginei que Nana devia ser feita de pedra: era tão dura que nada a atingia. Em nossa pequena cidade, sua reputa-

ção era de uma senhora vigorosa. Mesmo com mais de noventa anos, ela caminhava sozinha, com seus pés de lótus, do vilarejo onde morava até nossa cidade. Quando tentávamos lhe arranjar uma carona para voltar, sua resposta era sempre a mesma: “Você tem duas opções, me acompanhe até minha casa ou deixe que eu vá sozinha.” Assim, a imagem de um jovem ajudando uma senhora a caminhar pela trilha de pedra que levava até os limites da cidade se tornou uma cena comum.

Entretanto, por mais forte que fosse, eu a vi chorar. Aconteceu quando Nana tinha uns 92 anos. Ela subiu no telhado de sua casa para consertar um buraco. Foi descuidada, perdeu o equilíbrio e escorregou lá de cima. Quando conseguiu entrar em casa, precisou ficar confinada à sua cama, imóvel. Fui visitá-la e, ao me ouvir chegar, antes mesmo que eu abrisse a porta, ela berrou: “Meu bisneto, que bom menino... Sua Nana não consegue se mexer. Nana está presa aqui.” Uma semana depois, ela insistiu — com muita teimosia — em voltar a andar, mas só conseguiu dar alguns passos antes de cair novamente. Nana chorou e me fez prometer que iria visitá-la o máximo possível. Todos os dias, ela se levantava e, apoiada em uma cadeira, caminhava até a porta da frente, onde se sentava para me esperar. Eu ia vê-la sempre que podia e, mesmo depois de sua recuperação, continuei as visitas, sobretudo quando algo me incomodava. Sentado ao seu lado, eu sentia uma tranquilidade indescritível.

Depois que fui para a universidade e arranjei um emprego na cidade, as visitas diminuíram. Porém, sempre que enfrentava períodos de dificuldade, pedia um dia de folga e voltava

para passar uma tarde com ela. Quando contava a Nana o que estava me aborrecendo, ela nem sempre entendia — mas, como tinha problemas auditivos, talvez nem me escutasse. Sempre que eu via um leve sorriso de perplexidade se espalhar pelo seu rosto, suavizando as rugas que o tempo esculpira, me sentia totalmente em paz.

Eu soube de sua morte em uma manhã corriqueira. Minha mãe me telefonou para avisar que Nana partira, e então nós dois começamos a chorar. Ela me disse que Nana deixara um recado: “Não permita que Blackie chore. A morte é só mais um degrau da escada. Se vocês se lembrarem de mim, estarei presente. Será ainda mais fácil visitá-los quando estiver livre deste corpo.”

Foi então que finalmente entendi suas palavras daquele dia, que pude compreender sua visão de mundo: a vida seria muito mais fácil se não fôssemos aprisionados por nosso corpo e seus desejos vis. Nana, eu lembro bem. “Seu corpo é apenas um casulo. Se esperar que ele faça algo por você, estará perdido. Se puser seu corpo para trabalhar, poderá começar a viver.” Por favor, prometa que virá me visitar.

## A Casa da Minha Mãe

**M**inha mãe queria construir a casa mesmo sabendo que dentro de um ano ou menos seria destruída.

A decisão foi tomada quando voltava da prefeitura. Ela viu os planos de demolição nas paredes da sala de exposição. A linha rabiscada a lápis no mapa não era muito precisa, mas deixava claro que dividiria nosso terreno como uma faca cortando um pedaço de tofu.

Minha mãe imaginou o som da linha dividindo sua nova casa ao meio — não um estalo abrupto, era mais como um gongo. O som ecoou em seus ouvidos ao longo de todo o caminho de volta. Ela me disse que estava com dor de cabeça.

“Talvez seja o clima”, justificou. “O ar está ruim. Talvez seja só cansaço pela caminhada ou o inverno muito seco.” Perguntou se podia descansar. Apoiou-se no muro de uma casa, virou de costas para mim e cobriu o rosto com as mãos.



Eu sabia que não tinha nada a ver com o clima; que não era cansaço; que não era o ar de inverno, seco demais. Sabia que, ao esconder o rosto diante daquele muro, ela tentava acalmar o mar revoltado em que se transformara seu coração.

A casa de quatro andares para a qual voltávamos era simples. Mesmo de fora dava para ver que não era um palacete. O terreno tinha cerca de 185m<sup>2</sup> e a casa — uma construção antiga de alvenaria e fachada manchada pelo tempo — ocupava a metade norte de um quintal bagunçado. Era óbvio, à primeira vista, que ela não fora construída de uma vez: os dois andares inferiores eram voltados para o oeste, com duas portas grandes que davam acesso à rua, fruto de um plano ingênuo de minha mãe de montar uma loja; os dois andares superiores eram voltados para o sul e pareciam inacabados, deixando à mostra o tijolo e o concreto.

Toda vez que eu retornava de Beijing, ao caminhar pela viela em direção ao pátio e avistar a casa de longe, pensava em corais. É assim que eles crescem — para cima — e, quando morrem, proporcionam um lar para novos corais, que continuam crescendo na mesma direção. O ciclo da vida segue seu rumo, e os mortos e os vivos são empilhados juntos.

Às vezes, quando eu estava em minha mesa e me cansava de trabalhar, abria o Google Maps em minha pequena cidade natal, lentamente aproximando a imagem, cada vez mais perto, até conseguir enxergar os contornos nebulosos de minha casa. Eu visualizava o azul pálido do globo terrestre e aumentava o zoom até a casa incrustada de forma desajeitada em nosso terreno. Pensei em todos que olham para aquelas casas ao longo dos anos,

seja ao caminhar pela viela, seja ao espiar casualmente pela janela de um avião: nem sequer devem notá-las, quem dirá lançar um olhar mais atento. Quem poderia imaginar as desoladoras histórias ocorridas dentro daquelas paredes? De novo, são como corais aninhados no fundo de um aquário. Sua finalidade é realçar, por contraste, a beleza dos peixes. O ciclo de vida dos corais, com sua narrativa de morte e legado, pode ser tão comovente quanto minha própria história, mas quem prestaria atenção neles?

Já ouvi a história desse pedaço de terra muitas vezes. Minha mãe tinha 24 anos e meu pai, 27. Seu primeiro encontro foi supervisionado por um casamenteiro. Eles eram tímidos demais até para se olhar e, naquele momento, os cursos de suas vidas se entrelaçaram. O governo havia confiscado as terras de meu avô paterno e suas ambições foram substituídas por um cachimbo de ópio. Quando meu pai chegou à adolescência, sabia que ele e os irmãos não teriam vantagens na hora de encontrar uma esposa. Ele não tinha casa nem dinheiro. No primeiro encontro, meu pai levou minha mãe para conhecer aquele terreno e prometeu que o compraria para ela e construiria uma grande casa.

Minha mãe acreditou.

Eles compraram o terreno três anos depois de se casar. Meu pai juntou suas economias com a insignificante soma que recebera como dote da família de minha mãe. E, então, o problema passou a ser arranjar o dinheiro para construir a casa. Mas meu pai ainda fazia parte de uma gangue na época, e era um jovem destemido. Bateu

no peito e saiu determinado a conseguir o dinheiro. Ele decidiu construí-la na parte da frente da propriedade, deixando espaço para outra ala, que pretendia construir mais tarde.

Papai manteve sua palavra. Minha mãe sempre se recorda disso como o momento mais glorioso dele.

Ela se lembra de toda a preocupação com a dívida — de milhares de yuans — e do olhar no rosto de meu pai lhe dizendo: “Será fácil pagar!” Minha mãe falava sobre essa época com emoção e sempre terminava dizendo que, naquele momento, soube que ele era um homem de verdade.

Entretanto, meu pai acabou não sendo tão corajoso quanto imaginava. O único motivo de ter sido tão destemido era não ter ideia do quanto havia a temer. Minha mãe costumava dizer isso anos mais tarde para zombar dele.

Um ano depois, meu pai teve seu desejado filho. É aí que eu entro na história. Segundo a lenda da família, após segurar o pequeno bebê em seus braços, ele teve uma terrível noite de insônia. Na manhã seguinte, se levantou bem cedo e sacudiu minha mãe, indagando: “O que diabos há de errado comigo?”

O homem destemido e sossegado foi substituído pelo pai preocupado e carrancudo que vim a conhecer. A ansiedade roubou seu apetite. Minha mãe já havia percebido que ele não era tão invencível quanto fazia parecer. Três dias após meu nascimento, recebemos alta do hospital. Meus pais não tinham dinheiro para arcar com uma estadia mais longa.

Eu sou o segundo filho de meus pais. Minha irmã é a primogênita. A preocupação de que meu pai fosse demitido de seu emprego público por violar a política do filho único pairava sobre eles. Por esse motivo, decidiram que meu parto seria em Xiamen. A única maneira de voltar para casa era pedindo carona. Meu pai me carregou nos braços, enquanto minha mãe, ainda fraca pelo parto, se esforçou ao máximo para cuidar de si mesma. Em silêncio, eles caminharam juntos até a rodovia. Nem sequer tinham certeza de que chegariam em casa.

Eles se depararam com um lago. Meu pai parou nas margens e o observou, franzindo o cenho. Depois se virou para minha mãe e desabafou: “Conseguiremos mesmo chegar em casa?”

Minha mãe sentia tantas dores que cada passo parecia o último, mas ela forçou um sorriso e disse: “Só mais alguns passos. Deus sempre oferece um caminho.”

Meu pai deu mais alguns passos e se virou novamente. “Conseguiremos mesmo chegar em casa?”

E deu mais alguns passos.

E seguiu em frente até chegar a um cruzamento. O motorista do carro que parou era um homem de nossa cidade retornando de uma viagem a Xiamen para reabastecer sua loja.

“Só mais alguns passos.” Como funcionou da primeira vez, essa frase se tornou uma espécie de lema para minha mãe. Ela apostara o próprio futuro em meu pai e era assim que o encorajava.

Como temia, meu pai foi demitido do emprego público e multado com a perda dos cupons de grãos por três anos. Fragilizado pela ansiedade, a notícia o paralisou. Ele se recusava a procurar trabalho. Minha mãe ficava calada. Ela mesma procurava emprego e fazia o que podia — costureira, tecelã, empacotadora. O carvão usado em casa era furtado dos vizinhos. O peixe que nos alimentava no jantar era suplicado a parentes. Minha mãe não consolava meu pai, mas também não perdia a calma. Durante três anos, carregou silenciosamente o fardo de sustentar a família.

A situação mudou em um dia fatídico, quando meu pai fazia sua caminhada habitual até a frente de casa. Ele parou ao lado do portão e observou os vegetais e a criação de patos e galinhas de minha mãe. Então se virou, voltou para dentro e comunicou a ela: “Vou procurar um emprego.” Um mês depois, ele partiu para Ningbo a fim de trabalhar como marinheiro.

Após três anos, meu pai voltou com dinheiro suficiente para construir uma casa de alvenaria.

Ele gastou um dinheirão. Contratou um canteiro, que esculpiu um painel de pedra para o portão; nele, havia o desenho de dois passarinhos e um dístico poético com os nomes de minha mãe e de meu pai. O canteiro trabalhou em segredo e meu pai pediu que cobrisse a peça com um tecido vermelho depois que a colocasse no portão. Quando chegou o momento, meu pai tirou o pano, revelando a homenagem. E foi assim que os nomes deles passaram a adornar a primeira casa de alvenaria.

Eu tinha seis anos na época. Vi minha mãe admirando o dístico, sem palavras, com a mão cobrindo a boca. A alguns passos de distância, meu pai a observava, orgulhoso.

No dia seguinte, houve um banquete de comemoração. Meu pai fez outro comunicado: ele não voltaria para o trabalho em Ningbo.

Nossos parentes tentaram persuadi-lo a não se demitir. Eles o lembraram de que um emprego como aquele não aparecia com frequência; meu pai ganhava duas vezes mais do que a maioria das pessoas da cidade e, por trabalhar em navios, sempre havia oportunidade de contatos para trabalhos extras. Papai não explicou sua decisão. Ele os ignorou e jurou que não voltaria. Alguns de nossos parentes tentaram argumentar, em defesa de minha mãe, mas ela limitou-se a dizer com toda calma: “Nem percam tempo. Não adianta.”

Meu pai nunca voltou a Ningbo. Pegou o dinheiro que ganhou nos navios e abriu um hotel, um restaurante de frutos do mar e um posto de gasolina. Foi um processo lento e constante de fracasso. Conforme cada negócio afundava, era como se ele morresse aos poucos. Parou de se cuidar e se tornou calado e mal-humorado. Eu estava no segundo ano do ensino médio quando meu pai teve seu primeiro AVC. Ele acabara de acordar de sua soneca da tarde e estava prestes a sair para abrir a loja. Desabou no quintal sem qualquer aviso.

No hospital, quando meu pai estava na maca a caminho da cirurgia, minha mãe finalmente perguntou: “Aconteceu alguma coisa em Ningbo? Você estava fugindo de algo?”

Ele forçou um sorriso, mostrando os dentes manchados de nicotina. “Eu sabia”, disse minha mãe em tom categórico.

Atualmente, só resta a metade sul da casa de alvenaria que meu pai construiu.

Quando volto para minha pequena cidade, sempre passo por lá. A parte principal da casa foi demolida, mas a ala oeste, onde meu pai ficou após o AVC, ainda está de pé, assim como a ala leste, onde minha irmã morou antes de se casar.

Meu pai teve mais dois AVCs enquanto ocupava a ala oeste da antiga casa. O corpo paralisado ao qual ficou aprisionado até a morte foi forjado naquela casa. Foi na ala oeste que minha irmã chorou porque éramos pobres demais para que conseguisse um casamento. Ela me disse que nossa família nunca seria capaz de pagar um dote. Já estava decidida a se casar com um homem pobre como ela e passou a cortar relações com amigos em melhor situação financeira.

Eu me lembro vividamente daquela noite. Minha irmã saiu com o namorado e voltou sozinha, quinze minutos depois. Esgueirou-se direto para seu quarto, certificando-se de que nossos pais não a vissem, e me chamou para conversar. Seu rosto estava vermelho; os olhos, marejados, mas ela não deixou cair uma única lágrima. Demorou um bom tempo até que se acalmasse o suficiente para conseguir falar. Suas palavras foram: “Você tem que me prometer que não fará questionamentos a respeito dele. Se Mamã e Papai perguntarem, não conte o que aconteceu.”

Eu assenti.

Anos mais tarde, descobri que, naquela noite, quando minha irmã saiu com o namorado, ele indagou: “Que tipo de dote seus pais podem oferecer?”

Minha mãe finalmente alugou a antiga casa para uma família que acabara de se mudar. O aluguel mensal foi estipulado em 150 yuans e o valor permaneceu o mesmo por dez anos. O espaço minúsculo abrigava seis pessoas e um cachorro. Em pouco tempo, todos os vestígios de minha família ou do nosso lar haviam sido apagados.

Logo depois que foi alugada, entrei na casa algumas vezes. Após o AVC, meu pai costumava cair enquanto tentava se deslocar, deixando manchas de sangue no piso, que agora estavam escondidas sob uma camada de gordura e sujeira. O vão debaixo da escada — reformado com todo esmero por meu pai para servir de quarto de brinquedos — estava repleto de quinquilharias dos novos inquilinos.

Na época, minha mãe também costumava passar pela antiga casa, embora eu não soubesse se, assim como no meu caso, sua visita era uma busca consciente por algo ou se era levada até lá por uma espécie de atração involuntária e irresistível.

Conhecendo minha mãe, acredito que deva ter alugado a casa para aquela família por saber que eles apagariam todas as lembranças. Somente uma família daquele tamanho, espremida em uma casa minúscula, seria capaz de preenchê-la com felicidade e sofri-



mento. A vida de outra família cobrindo, como uma leve demão de tinta, sua antiga vida naquela casa — era exatamente o que minha mãe precisava. Fornecia um certo distanciamento.

A nova casa de quatro andares nunca me pareceu um lar de verdade.

Ela fora construída quando eu estava no terceiro ano do ensino médio, dois anos após o primeiro AVC de meu pai. Certo dia, minha mãe me chamou ao seu quarto, abriu a gaveta da escrivaninha e tirou um maço de dinheiro. Ela me disse que tínhamos 100 mil yuans; fruto de suas próprias economias, do salário que minha irmã ganhava como contadora e das contribuições de meus trabalhos de revisão e aulas particulares. Segundo ela, como eu era o chefe da casa, poderia decidir o que fazer com o dinheiro. Sem pensar muito, respondi que devíamos continuar economizando.

Durante os dois anos em que meu pai esteve doente, minha mãe costumava sair de casa todo dia por volta das 20h ou 21h, carregando uma sacola de pano. Toda vez que ela retornava de seu passeio noturno, jogava alguma coisa no quintal e depois entrava em casa como se suas idas e vindas àquela hora da noite fossem normais. Minha irmã e eu fingíamos que não sabíamos o que estava acontecendo. No entanto, já sabíamos muito bem que suas saídas furtivas tinham o propósito de recolher folhas de repolho, de rabanete e outros itens descartados no chão da feira. Ela os guardava no quintal e, pela manhã, lavava tudo e removia as partes apodrecidas. Depois, servia os vegetais sem revelar de onde vieram. Combinados com quatro almôndegas, os restos da

feira eram suficientes para uma refeição. Nunca contamos que sabíamos. Mesmo cientes da verdade, não queríamos encarar as consequências de desmascarar a mentira.

Naquela noite, após dizer à minha mãe que achava melhor continuarmos a economia de dinheiro, ela me comunicou que gostaria de construir uma casa.

“Antes de seu pai ficar doente, ele costumava falar sobre construir uma casa. Então é isso que eu gostaria de fazer”, revelou. Essa era sua justificativa.

“Mas ele ainda tem muitas despesas médicas”, argumentei.

“Quero construir uma casa”, respondeu ela.

Mamãe parecia uma garotinha fazendo birra em uma loja de brinquedos até que os pais comprassem a boneca desejada.

Concordei. Isso significaria mais alguns anos comendo vegetais de origem “desconhecida”. Mas compreendia seus sentimentos. Pensei em nossos parentes que mudavam de calçada para evitar nos encontrar pelas ruas ou fingiam que éramos invisíveis caso nos vissem no templo ancestral na hora das oferendas.

Eu sabia que a casa seria uma forma de minha mãe enviar uma mensagem para o mundo. Assim que estivesse construída, ela poderia reerguer a cabeça, com orgulho.

Quando fizemos os cálculos, havia dinheiro suficiente para derrubar metade da casa antiga e construir um pequeno sobrado. Minha mãe escolheu um dia auspicioso para iniciar a construção e, apesar de nem sequer ter concluído o ensino fundamental,

desenhou o projeto da nova casa. Faltavam duas semanas para eu fazer a prova de admissão na universidade. Antes que a antiga casa fosse demolida, tivemos que lidar com as preparações, que incluíam uma divisão da família: meus pais ficaram na ala oeste da antiga construção, e minha irmã — que já tinha idade suficiente para que meus pais ansiassem pelo dia de sua mudança após um casamento — se instalou na ala leste. Eu não tinha onde ficar, então fui para a moradia escolar.

Uma semana antes da demolição e do início da nova construção, minha mãe insistiu em comprar um cordão de bombinhas. Sempre que fazia sol, ela o colocava no telhado para aquecer. Em sua opinião, era a melhor maneira de garantir que estourasse com um som alto e claro. Naquele verão, houve algumas tardes de chuva intensa e inexplicável. Mamãe corria assim que percebia as primeiras gotas de chuva para recolher as bombinhas e secá-las na frente do ventilador. Ela cuidava daquelas bombinhas como se fossem um recém-nascido.

Quando chegou o dia da demolição, um dos trabalhadores pegou uma marreta e deu um golpe na parede em uma espécie de cerimônia de início. Sob o olhar dos vizinhos, minha mãe foi até o meio da rua, desenrolou delicadamente o cordão de bombinhas e acendeu o pavio.

O som foi tão impressionante quanto ela havia imaginado. A fumaça azul-esverdeada das bombinhas flutuou no ar, se misturando com a poeira da estrada. Enquanto a fumaça e o barulho preencheram a viela, ouvi o longo e profundo suspiro de minha mãe.

A construção de uma casa é um processo exasperante, sobretudo quando exige endividamento. Minha mãe dividia seu tempo entre o posto de combustível e a obra. Ela mal pesava 45kg, mas punha cada grama de sua força no trabalho. Depois de empurrar tonéis de combustível no posto, carregava tijolos nos ombros para a obra. Seu corpo tremia sob o peso da carga, movendo-se entre pilhas de tijolos da altura dela. E, quando terminava, ela se apressava para cuidar de meu pai.

Com uma mãe assim, não tinha como eu relaxar. Quando a aula acabava, eu corria para casa e a encontrava pingando de suor — mas sempre com um sorriso no rosto. Ao se cansar, ela sentava onde estivesse e descansava até recuperar o fôlego. Mesmo exausta, ofegante em meio à poeira, Mamãe nunca deixava de sorrir.

Sempre que alguém passava pela obra, não importava o quanto estivesse esgotada, ela aparecia e dizia: “Meu filho deseja uma casa nova para quando se casar. Eu disse para não se incomodar, mas ele insistiu. O que posso fazer? Se quer ser ambicioso, preciso apoiá-lo.”

Meu maior temor se tornou realidade em uma tarde, uma semana antes de minha prova de admissão. Mamãe estava trabalhando na obra e, de repente, levou a mão na barriga e desmaiou. Não demorou muito para que o médico fizesse o diagnóstico: apendicite aguda.

Quando consegui chegar ao hospital, a cirurgia já havia terminado. Eu a encontrei sentada no leito da ala de internação no segundo andar. Mamãe sorriu ao me ver: “O alicerce já está pronto?”, indagou, preocupada que eu fosse brigar com ela.

Eu estava prestes a perder a calma, mas me contive ao ouvir o andar arrastado, a respiração ofegante e o bater de uma bengala. Era meu pai, que partira para o hospital assim que soube da notícia. Após manquejar até a estrada principal, ele conseguiu um táxi, mas, ainda assim, demorou quase quatro horas para chegar.

Papai se arrastou até o quarto, apoiando-se com força na bengala e, então, subiu com cuidado na cama ao lado. Terminada sua longa jornada, ele suspirou aliviado. Ainda ofegante, perguntou à minha mãe: “Você está bem?”

Ela assentiu.

Papai franziu a boca, tentando retomar o fôlego e obrigar os músculos faciais a cooperarem. E tornou a perguntar: “Você está bem?” Dava para ver que seus olhos estavam vermelhos. “Você está bem, mesmo?” Os lábios dele tremeram como os de uma criança prestes a chorar.

Eu fiquei ali parado, em silêncio.

Quando a obra terminou, eu já tinha ido para a universidade. A nova casa demorou seis meses para ser concluída, e minha mãe fora obrigada a pedir dinheiro emprestado a meus tios. Porém, isso era tudo o que eu sabia, pois ela nunca me contou o valor. Eu também sabia que Mamãe devia dinheiro ao carpinteiro pelo serviço do portão. Toda semana, ela fazia a contabilidade do posto de combustível, separava o lucro e saía para pagar suas dívidas.

Chegada a hora de se mudar para a casa nova, minha mãe quis manter a tradição local, o que significava oferecer um banquete para os parentes, mesmo sabendo que custaria pelo menos 10 mil yuans.

Na noite do banquete, ela não conseguia parar de sorrir. Quando os convidados partiram, Mamãe pediu para que eu e minha irmã recolhêssemos toda a comida que poderia ser aproveitada. Eu sabia que comeríamos as sobras por pelo menos uma semana.

Minha irmã foi a primeira a protestar. “Por que você está gastando dinheiro feito maluca?”

Mamãe se manteve calada e continuou a arrumar as coisas. Mas minha irmã havia quebrado o silêncio e eu não consegui mais me conter: “Não sei nem como pagarei a universidade no ano que vem.”

“Por que você se importa tanto com o que as outras pessoas pensam?”, emendou minha irmã. “O que ele fará se não conseguir pagar a universidade? E o que faremos com as despesas médicas?” Minha irmã começou a chorar.

Mamãe permaneceu em silêncio por um bom tempo. O único barulho era o choro de minha irmã.

“Vocês sabem qual é a minha razão de viver?”, perguntou minha mãe. “Eu vivo para isso — para esse suspiro de orgulho quando tudo termina e enfim podemos erguer a cabeça. Nada mais importa.”

Foi a primeira vez que ela ficou brava conosco desde o AVC de meu pai.

Nessa época, como eu me desdobrava entre os estudos e meu trabalho no jornal, além das aulas particulares durante as férias de verão e inverno, a casa nova continuou sendo apenas um alojamento temporário.

No entanto, Papai estava bastante satisfeito. Desde que teve o lado esquerdo do corpo paralisado, ele tinha dificuldades para se locomover, mas saía todo dia, se sentava ao lado do portão e cumprimentava todos que passavam. “Impressionante o que minha velha esposa construiu, não é?”

Porém, sua satisfação durou pouco. Não sei quem colocou essa ideia em sua cabeça, mas uma semana depois ouvimos ele falar para um dos transeuntes: “Minha esposa não me dá dinheiro para as despesas médicas. Ela gastou tudo para construir uma casa para nosso filho, à custa de meu tratamento, e me deixou assim — não posso nem andar.”

Sempre que Mamãe chegava ou saía, era alvo das terríveis acusações de meu pai. No início, ela não lhe dava ouvidos, mas a fofoca se espalhou como rastilho de pólvora pela pequena cidade. O fato de o autor das acusações ser um homem inválido lhes atribuía ainda mais peso.

Certa noite, enquanto estava na universidade, recebi uma ligação de uma tia distante me pedindo que eu fosse para casa. Minha mãe havia lhe telefonado em uma tarde e, sem muitas explicações, me enviado o seguinte recado: “Quero que fale para Blackie que paguei quase todas as nossas dívidas, mas que ainda falta uma parte. Não quero que ele se esqueça dos 3 mil yuans que devemos ao Sr. Cai, o carpinteiro. Essas pessoas nos ajuda-

ram quando precisamos, então gostaria que ele cuidasse disso. Diga, também, que o pai dele precisa tomar o remédio para o coração toda noite, por volta das 19h. É necessário garantir pelo menos um mês de cada medicamento e, não importa o que aconteça, ele precisa assegurar que o pai tome os remédios. Avise que guardei um pouco de dinheiro para o dote da irmã dele; há também as minhas joias, mas o restante eu espero que ela mesma consiga juntar.”

Cheguei em casa o mais depressa que pude. Vi que Mamãe tinha feito uma tigela de sopa de carne de porco magra e ginseng. Era sua favorita. Ela sempre preparava esse prato quando estava doente. Fosse pelos reais atributos medicinais ou apenas pelo efeito placebo, ela sempre se sentia melhor no dia seguinte.

Mamãe me ouviu entrar, mas não disse nada. Eu falei primeiro.

“O que você está fazendo?”

“Estou tomando sopa”, respondeu ela.

Olhei para a sopa. Parecia mais espessa que o normal. Adivinhei o que estava acontecendo. Caminhei até Mamãe e afastei a tigela.

Naquele instante, mesmo sem dizer uma palavra, ambos sabiam o que estava acontecendo.

Ela desabou em lágrimas ao me ver despejar a sopa na pia. “Não quero desistir”, afirmou. “Você acha que foi fácil, para mim, tomar essa decisão? É muito humilhante desistir agora.”



Aquela noite trouxe à tona o que vinha espreitando em nossos corações. Nos momentos de dificuldade, a ideia de acabar com tudo pairava como um espírito maligno. Mas nenhum de nós ousava falar sobre isso.

Pensei que Mamãe estava frágil demais para ouvir aquelas palavras, e ela pensou o mesmo de mim.

Mas naquela noite o fantasma ganhou um corpo.

Minha mãe me levou em silêncio até o quarto que dividia com meu pai. Ele havia deitado após o jantar e já estava dormindo pesado, seu ressonar infantil preenchia todo o ambiente. Mamãe abriu uma gaveta e retirou uma caixa. Dentro dela havia uma sacola de papel enrolada em um lenço.

Era veneno de rato.

“Comprei depois que seu pai ficou doente”, explicou calmamente. “Foram muitos momentos em que achei que não aguentaria mais. Eu pegava o veneno para colocar na sopa, mas não conseguia e o guardava de novo.”

“Não consigo fazer isso”, respondi. “Não estou pronto para aceitar, ainda acredito que as coisas possam melhorar.”

Naquela noite, tentei convencê-la a desistir. Sabia que, como chefe da família, eu poderia proibi-la de levar aquilo adiante. Até para algo como suicídio, ela precisava de minha aprovação. Mamãe me deu sua palavra. Parecia uma criança. Sentou-se ao meu lado e começou a chorar.

Confisquei a sacola de papel. Enfim me senti como o chefe da família.

E, mesmo tendo assumido essa função, eu estava longe de me sentir preparado. Na semana seguinte à apreensão do veneno de rato, meu pai teve um ataque de fúria e busquei a sacola de papel, gritando que seria melhor se todos morrêssemos de uma vez. Eles me olharam perplexos. Mamãe arrancou o veneno de minhas mãos, me encarou e guardou-o no bolso. Nos dias após a revelação do segredo, o veneno de rato se transformou em uma das táticas de minha mãe para encerrar conflitos familiares. Sem dizer uma palavra, ela subia até o quarto e, imediatamente, qualquer discussão em andamento era esquecida, e todos sentávamos em silêncio, ouvindo. Naqueles momentos, toda a raiva em nossos corações lentamente se dissipava, sendo substituída pela perspectiva de mútua destruição. Era impossível continuarmos com raiva enquanto esse pensamento assombrava nossas mentes.

O veneno de rato nunca serviu ao seu verdadeiro propósito de matar roedores, mas conseguiu aniquilar toda a raiva e o ressentimento que a pobreza e a invalidez trouxeram para nossa família.

Em meu primeiro ano na universidade, quando estava em casa para as férias de verão, minha mãe novamente me chamou até seu quarto. E pegou um maço de dinheiro.

“Que tal acrescentarmos mais dois andares?”, sugeriu.